

## ARTIGOS

### A ÉTICA CRISTÃ DA BOA MORTE: UMA PROPOSTA À LUZ DA ANTROPOLOGIA ADVENTISTA

**Klaudinei Luis Engelmann**

Aluno do curso de Teologia

Centro Universitário Adventista de São Paulo, Campus Engenheiro Coelho, SP  
klaudinei7@yahoo.com.br

**RESUMO:** Nenhuma das ordenanças do decálogo tem sido tão amplamente debatida em nossos dias como o Sexto Mandamento. Dentre os temas relacionados a este Mandamento está o debate sobre a ética da eutanásia. O presente artigo trata deste tema frente à atual sociedade pós-moderna que parece não ter tempo para dedicar aos “improdutivos.” Antes de partir para a análise da moralidade da eutanásia, o estudo apresenta uma recapitulação das expressões técnicas mais comuns deste debate. A partir deste ponto são tecidas considerações sobre o tema em pauta a partir da perspectiva da ética Cristã. Na busca de respostas satisfatórias ao problema foi acrescentado aos temas comuns do debate o conceito adventista de “ser humano”, a partir do qual se pretende elucidar a questão. Antes da conclusão deste estudo, foi apresentada uma rápida exposição da “boa morte cristã” e do dever da igreja, como comunidade de crentes, para com aquela pessoa desiludida e sem perspectivas de cura.

**PALAVRAS-CHAVE:** Eutanásia, Bioética, Ética Cristã, Antropologia, Adventista.

#### **The ethic of the good Christian death: A proposal in the light of adventist antropology**

**ABSTRACT:** No other commandment has been discussed so extensively today as the sixth commandment. Within the themes related to this commandment there is a discussion about the ethics of euthanasia. This article approaches such a theme in the light of the post-modern society that seems to have no time to spend with those who are considered “to be a burden” to society. Before starting the analysis of the morality of euthanasia, the research presented a review of the most common technical expressions used in this discussion. In the sequence, a number of considerations are built concerning the theme from an Ethical Christian perspective. In quest for satisfactory answers to the problem, the theme of the Adventist concept of “human being” was added to the themes usual to the debate, as an essential feature from which the question can be elucidated. Before coming to the conclusion, a brief exposition was undertaken about “the good Christian death” and the obligation of the church, as a congregation, toward those in need and without perspective of cure.

**KEYWORDS:** Euthanasia, Bioethics, Christian Ethics, Anthropology, Adventist.



## INTRODUÇÃO

A “árvore da vida” era a expressão mais simples e plena da ética de Deus. Nossos primeiros pais, diante dela, tinham apenas algo que os ameaçava a serem levados da vida à morte: uma escolha. No entanto, depois da queda, o homem não era mais livre para viver. Mergulhara num período de conseqüências. A partir daquele momento, outro tinha a autoridade sobre sua vida e morte, e deviam sofrer as conseqüências de sua desobediência. O dom da vida, a árvore proibida, a tentação, a serpente, a queda e, por fim, a morte são os ingredientes que colocaram vários itens em conflito aberto. A ética da vida e a ética da morte, a ética do relacionamento e a ética da separação, o conhecimento do bem para a vida e o conhecimento do mal para a morte, e por último a autoridade de Deus contra a autoridade de Satanás.<sup>1</sup>

É no pensamento de Mario Veloso que introduzimos a eutanásia como tema deste artigo. A serpente, o diabo ou Satanás, conseguiu introduzir no mundo muito mais do que um *direito* à morte, conseguiu introduzir a *condenação* à morte, da qual ninguém consegue escapar. Homicida desde o princípio (Jo 8:44) ele levou nossos primeiros pais a desejarem o que não deveriam: estar separados da fonte da vida, agir independentemente de Deus. De fato, Gênesis 3 a 8 descreve como o ser humano perdeu a vida, primeiro como indivíduo e em seguida como sociedade. A queda, o homicídio de Caim, a morte dos descendentes de Adão, e o dilúvio, constituem o relato da perda da vida como sonhada por Deus para o homem.<sup>2</sup>

Desde então, morte e dor configuram não somente o fim da vida de cada ser humano, mas também muito de seu transcurso. E é em meio à realidade de muita dor, que encontramos pessoas que se consideram prisioneiras da vida. Pessoas em que se reconhece o mesmo protótipo de vida que Deus anteviu ao impedir que Adão e Eva tivessem acesso à “árvore da vida”.<sup>3</sup> Deus sabia que a vida chegaria a termos em que não mais valeria a pena ser vivida. Desta forma, as pessoas que hoje solicitam a morte estão apenas testemunhando que Deus mais uma vez tinha razão.

Mas qual é o direito humano com relação ao fim de sua vida? Tem o homem o direito de morrer quando achar que seu sofrimento não pode mais ser suportado? É a eutanásia uma opção válida para os cristãos? Pode ela ser considerada ética e moral? Este trabalho pretende apresentar ao leitor uma reflexão cristã adventista sobre o tema.

A primeira parte deste breve estudo apresentará os principais processos eutanásicos e suas subdivisões mais comuns. Irá proporcionar ao leitor a definição de alguns termos que são usados no debate, mas que em alguns casos podem oferecer determinada dificuldade no que se refere a esclarecer as diferenças entre eles. A segunda parte do trabalho é uma breve análise de cada um destes processos no que se refere à sua moralidade. Esta parte do estudo pretende também mostrar que uma resposta ética não será fácil uma vez que, mesmo no mundo cristão, há diversas opiniões sobre o tema.

Na seqüência, o leitor encontrará uma breve descrição da compreensão adventista de ser humano, que está composta basicamente a partir de citações de Ellen White. Este bloco pretende apresentar uma parte da compreensão



adventista de ser humano por considerar que esta poderá contribuir para o debate. Uma vez que a igreja está sendo cobrada por mentes cada vez mais inquiridoras, ela não pode ignorar a questão. Na quarta parte do trabalho são expostos importantes princípios para a conduta cristã, que podem “proporcionar” um tipo de “boa morte.” Por fim o leitor encontrará uma conclusão que pretende, após sintetizar a discussão, apresentar as principais inferências do autor.

Este trabalho não pretende apresentar a solução absoluta e final para a discussão sobre a eutanásia, mas apenas refletir sobre o tema a partir da teologia cristã-adventista. Com este estudo, o autor pretende incentivar outros pensadores a ponderar sobre esse que pode se tornar um dos mais relevantes temas de uma sociedade pós-moderna excessivamente materialista.

É indiscutível que a Bíblia deva ser a fonte que orientará a vida de todo crente. De alguma forma devemos buscar na Palavra de Deus, também, a resposta a esta inquietante questão da eutanásia. Ellen White declara que na Bíblia nós “podemos aprender a verdadeira maneira de viver, a maneira *segura* de morrer”<sup>4</sup> (Itálico meu). Como mencionado acima, antes de qualquer coisa é muito importante revisarmos a definição de alguns termos usados no debate.

## 1. DEFININDO OS PRINCIPAIS TERMOS DO DEBATE

Com origem léxica<sup>5</sup> no grego, a palavra eutanásia pretende qualificar o que seja “boa morte” e definir qualquer ação intencional que possibilite a morte de um ser humano, tanto por métodos ativos ou passivos, omissivos ou permissivos, naturais ou artificiais.<sup>6</sup> Na realidade, a eutanásia está subdividida em uma grande variedade de alternativas, o que torna importante apresentá-la organizada em cada uma de suas configurações. Ela está basicamente dividida em dois grandes blocos.

O primeiro deles agrega os processos que se referem ao tipo de ação. Temos neste grupo a eutanásia ativa e a passiva, a ortotanásia e a distanásia. O segundo bloco se refere ao consentimento do paciente. Neste grupo ela pode ser classificada como voluntária, involuntária ou não voluntária<sup>7</sup>. Apresentamos a seguir uma breve definição de cada um destes métodos.

### 1.1. A EUTANÁSIA EM RELAÇÃO AO TIPO DE AÇÃO

É classificada como eutanásia ativa toda técnica utilizada para antecipar a morte, pode ser a deliberada administração de substâncias ou procedimentos que ativamente provocarão a morte do enfermo.

Quanto à eutanásia passiva esta é, para também utilizar poucas palavras, o procedimento em que o paciente terá sua vida abreviada não pela adição de substância ou técnica, mas pela omissão de procedimentos extraordinários que salvariam sua vida. É passiva quando aparelhos que sustentam sua vida são desligados e/ou quando seu corpo não é reanimado em uma parada respiratória ou cardíaca. Não queremos aqui adiantar nenhuma conclusão para este trabalho, mas apenas mencionar que não são poucos os pensadores que consideram a ativa e a passiva em pé de igualdade. Descrevendo os métodos, um considerável site da área ética médica declara que: “Do ponto de vista moral, não é relevante se se põe fim a uma vida *por ação* ou *omissão*”<sup>8</sup> (itálico meu).



Dentro deste mesmo grupo, encontra-se a ortotanásia. Esta, como procedimento, é considerada por alguns como a solução moral ideal para a questão.<sup>9</sup> Trata-se da arte de morrer bem, sem ser vítima da mistanásia<sup>10</sup> ou da distanásia sem, no entanto, recorrer à eutanásia ativa.<sup>11</sup> Neste processo não é ministrada ao moribundo qualquer droga que venha a apressar sua morte, mas não são sonogados remédios, drogas com caráter e dosagem anestésico, nem os procedimentos extraordinários de que falamos a pouco. Sua diferença em relação à eutanásia passiva é que neste caso não se está procurando – nem por parte do paciente nem de outros – uma oportunidade para a morte. Digno de nota que a maioria dos eticistas a classifica como uma subdivisão da eutanásia passiva.

Para finalizar o bloco que diz respeito ao tipo da ação, considere-se a distanásia. O debate ao redor da ética da eutanásia demorou a considerar que o procedimento mais comum também poderia ser, em alguns casos, considerado inadequado. Distanásia é sinônimo de obstinação terapêutica. É a definição técnica do procedimento mais comum e “aceitável” de nossos dias. Consiste no prolongamento artificial da vida, para além do que seria o processo biológico natural, custe o que custar, sem levar o sofrimento do enfermo e de sua família em consideração. É inclusive criticada por alguns eticistas como “encarniçamento terapêutico”.<sup>12</sup>

## 1.2. A EUTANÁSIA EM RELAÇÃO AO CONSENTIMENTO DO PACIENTE

Passando para o bloco que diz respeito à voluntariedade do enfermo, deve-se elucidar com respeito à eutanásia que ela não é uma escolha exclusiva do paciente. Outras pessoas podem ser convidadas a tomar decisões por aqueles considerados “incapacitados”. Temos aqui uma linha muito tênue entre o ideal e o conveniente. Quando forças maiores podem tomar as rédeas da vida de outros nas mãos, abre-se uma grande série de possibilidades.

A eutanásia é chamada voluntária, quando a dura escolha sobre sua vida e morte está absolutamente nas mãos do enfermo. É voluntária por respeitar explicitamente a vontade desse, conforme expresso por ele durante seu padecimento ou mesmo quando pode ser comprovada por declaração do paciente em tempos de lucidez, fora de coma e da depressão causada pela certeza da morte lenta.

Por sua vez a eutanásia involuntária é confundida com a não voluntária. Neste processo, encontra-se o que há de mais perigoso neste debate, que é o direito de tirar a vida de um paciente consciente sem que este informe seu consentimento e/ou contrariando seu(a) desejo expresso de viver.<sup>13</sup> Em outras palavras, o paciente é reconhecido como mentalmente apto para tomar a decisão por si mesmo, mas não lhe é dada esta oportunidade.<sup>14</sup> Alguns regimes totalitários fizeram uso deste tipo de eutanásia para “purificar” uma raça ou aliviar os gastos dos cofres públicos. A eutanásia é involuntária quando é contrária à vontade íntima e verdadeira do paciente de viver.

Por fim a não-voluntária diz respeito a pacientes que não podem expressar sua vontade e/ou não deixaram manifesta sua escolha para esta situação. Nessa situação, outros determinarão seu destino. É “o ato de matar um paciente cuja vontade não pode ser conhecida quer seja por causa de imaturidade, inabilidade ou ambas”.<sup>15</sup> Os casos mais comuns são de recém-



nascidos, doentes mentais, pessoas em permanente estado vegetativo e pacientes inconscientes.<sup>16</sup>

Uma vez revisados todos os principais padrões, técnicas e termos empregados para o debate, passa-se agora à análise da moralidade da eutanásia.

## 2. A MORALIDADE NO DISCURSO DA “BOA MORTE”

Tendo em vista que é incumbência do cristianismo ser “a luz do mundo” e que o mesmo está inegavelmente envolvido por este debate, o cristão não pode permanecer sem refletir sobre este tema. Desde tempos remotos a eutanásia esteve presente, apresentando-se como “solução”, principalmente diante das limitações medicina de cada época. Em muitos casos não havia o que fazer nem mesmo para aliviar a dor do paciente, quanto mais para curá-lo. Não havia o que fazer e o “melhor” era permitir que os doentes recebessem ou pusessem fim à sua vida. Esse era um direito reconhecido pelo estado romano, como atesta Horta: “Na antigüidade greco-romana, o direito de morrer era reconhecido, o que permitia aos doentes desesperançados pôr um fim às suas vidas, algumas vezes com ajuda externa.”<sup>17</sup>

Mas com o advento do cristianismo, a concepção do valor de cada vida mudou de fato. Horta continua sua descrição sobre a eutanásia declarando que a prática eutanásica teve sua aplicação corriqueira amenizada com o surgimento da noção cristã de que a vida humana é sagrada.<sup>18</sup> Mesmo diante desta realidade histórica, não há como discordar de Walter C. Kaiser que, em seu referencial estudo sobre a ética do Decálogo declara acerca do sexto mandamento, profundamente envolvido neste debate, que sua ética é a “mais complicada de todas para os nossos dias.”<sup>19</sup>

Cotidianamente, as discussões em torno da pena de morte, do aborto e mesmo da eutanásia estão na pauta dos congressos e senados mundiais. Ainda que em países como a Suíça, Austrália e Holanda, a eutanásia já esteja legalizada,<sup>20</sup> a ponto de ser - na Holanda - o motivo de óbito de 20% dos pacientes terminais de câncer, sendo que alguns desses são protestantes, não há uma solução à vista. Ela continua sendo um assunto debatido tanto no círculo cristão quanto no secular, sem que se encontre uma resposta satisfatória e definitiva.

A Bíblia Sagrada deixa muito clara sua proibição sobre o *assassinato*. Desta forma, devemos avaliar se a prática da eutanásia macula ou não este mandamento. Após analisar o debate dentro de cada uma das grandes religiões do mundo, Barchifontaine e Pessini deixam claro que em todas as grandes religiões do planeta existe um conceito de que a vida é sagrada e pertence somente a Deus, com exceção do budismo que não crê num ser superior. Segundo eles, em todas as religiões existe um “‘não’ solene à eutanásia ativa!”<sup>21</sup> Curioso notar, no entanto, é que ainda assim alguns estudiosos cristãos encontram caminhos para não imputar imoralidade sobre a eutanásia, mesmo sobre a ativa.

Refletindo sobre ela e estudando o material de vários autores, a posição mais sensata com respeito à eutanásia ativa é de que sua prática é inadequada. Teríamos, inegavelmente, com ela, de tomar a existência de outra pessoa em nossas mãos e determinar se esta deve ou não continuar viva.



Teremos de avaliar se sua vida, no que se refere à qualidade, vale a pena ser vivida ou não. O problema é que não temos como analisar se ela é ou não relevante e se deve ser vivida ou não. Todas as pessoas, assim como sua vida, estão nas mãos de Deus e somente Ele pode ver o que é melhor, este é um imutável princípio bíblico que em todas as religiões cristãs pode ser notado.

Seria, sem dúvida, muito custoso considerar a eutanásia ativa moral. Partindo do princípio cristão de que cada alma é de propriedade particular de Deus, deveríamos ter muito mais cuidado ao julgar seu valor tão baixo. Este é um importante ponto a ser enfatizado. O mesmo princípio é defendido por Norman L. Geisler, que se demonstra contrário a este procedimento. Segundo ele, nós devemos reconhecer que “A vida humana tem valor intrínseco e não deve ser tirada por outro ser humano mesmo que a vítima o peça. Somente Deus tem o direito de dar e tirar a vida”.<sup>22</sup> Este é um fato simples. Nós não temos o direito de tirar a vida de outro, somente o processo natural pode ser aceito, de outra forma, estaríamos abertamente transgredindo o sexto mandamento. Muitos outros argumentos poderiam ser dados contra a eutanásia ativa<sup>23</sup>, mas este é o que define a questão da perspectiva cristã.

Será que haveria, então, a possibilidade de se considerar como ética a eutanásia passiva? É muito improvável. Para os pensadores mais sérios, tirar uma vida e se eximir de salvá-la é a mesma coisa. Matar é imoral e sonegar o socorro deve ser considerado igualmente imoral. Para a ética médica tradicional, do ponto de vista moral, não há diferença entre por fim a uma vida por ação ou por omissão.<sup>24</sup> Este é um princípio que se adéqua facilmente aos princípios do mundo cristão. A partir deste argumento sobre a eutanásia passiva, vimos que seria forçoso considerá-la um ato acomodável à ética dos seguidores de Cristo, pois quem sabe fazer o bem, e não o faz, comete pecado (Tg 4:7).

Quando voltamos nossa atenção para a ortotanásia percebemos que esta pode ser uma solução moral adequada para a questão, mas não sem algum desconforto, comum do tema morte. Debatendo sobre esta possível “solução” Barchifontaine e Pessini chegam mesmo a declará-la “O Ideal da Ortotanásia”.<sup>25</sup> Como já descrevemos acima, neste processo não são ministradas drogas ao enfermo a não ser em quantidades anestésicas. Além disso, neste processo o enfermo não deixará de receber atenção médica, alimentos, todo suporte para sua vida a fim de que não sofra. No entanto, o homem terá de reconhecer sua insuficiência para resolver o problema e permitir que Deus tome o seu lugar na vida e na morte de cada ser humano.

Para os cristãos sentir medo da morte não deve ser considerado pecado, doutra forma Cristo teria pecado, sentir medo da morte é apenas um atestado de que ela é um intruso, de que não fomos feitos para ela e sim para a vida eterna. Quando não há, com absoluta certeza, nada que se possa fazer para curar o enfermo o que devemos então fazer é assegurar ao moribundo o direito de morrer em casa segurando a mão da pessoa que ama e que o ama. Trata-se de dar ao homem o direito de receber a unção, a confissão de seus pecados, estar em sua cama, de sentir o seu travesseiro pela última vez.

Se foi o cristianismo que por ocasião de seu surgimento mudou os valores aplicados à vida é exatamente ele que deve dar o exemplo e mudá-los novamente. Mas agora, será que há alguma contribuição, a partir da



compreensão adventista de ser humano, que poderia amenizar para a solução do problema?

### 3. COMPREENSÃO ANTROPOLÓGICA ADVENTISTA<sup>26</sup>

Para que se pretendesse escrever este artigo, deveria haver alguma contribuição relevante no conceito adventista de homem. Antes de se apresentar a posição do autor, devemos lembrar que “A alma farta pisa o favo de mel, mas à alma faminta todo amargo é doce” (Pv 27:7). O que se quer dizer com isso? Queremos relembrar que a existência de alguns dos enfermos que apelam à eutanásia é de fato tão penosa, árdua, aflitiva e amarga que a menor contribuição que se dê a eles, poderá transformá-los assim como o foram as amargas águas de Mara (Êx 15:23-27).

Para a teologia adventista, o ser humano é bíblicamente apresentado como sendo uma criatura de natureza indivisível, mas composta de três “dimensões”. Ellen White descreve esta natureza em uma de suas mais belas obras: “Adão e Eva saíram das mãos do Criador na completa perfeição do dote físico, mental e espiritual.”<sup>27</sup> Em outro lugar, ela acrescenta que “aquele que criou o homem, que lhe deu suas maravilhosas faculdades físicas, mentais e espirituais, não recusará aquilo que é necessário para manter a vida por Ele dada.”<sup>28</sup> São inúmeros textos que poderiam ser citados para apresentar a mesma realidade: para os adventistas o ser humano é um ser holístico.

Ao longo das décadas, o desenvolvimento da antropologia adventista<sup>29</sup> tem se solidificado nesta forma, apoiada, principalmente, na grande influência dos escritos de Ellen White. Para os adventistas não pode haver a menor separação entre cada aspecto de sua natureza, ou seja: não é possível desenvolver uma das três faculdades sem que se trabalhe pelo crescimento da outra.<sup>30</sup> Desta forma, alguns pensadores adventistas têm proposto trabalhar o desenvolvimento harmônico<sup>31</sup> de todas as faculdades humanas para que se alcance o verdadeiro crescimento. No entanto, deve-se lembrar que estamos aqui lidando com a exceção que torna a regra real – doentes em estado terminal e, em algumas ocasiões, em estado vegetativo, no qual não podemos fazer muito, ou mesmo nada, por sua saúde “física”. Mas volvamos à descrição proposta.

Uma vez que as faculdades humanas não podem ser plenamente dissociadas, quando estivermos considerando pacientes terminais ou com limitações físicas, elas devem ser trabalhadas o máximo possível em interdependência. Não é possível cuidar apenas do corpo, ou da mente, ou do espírito, cada um destes influenciará o outro. É possivelmente por esta razão que o Senhor, quando de sua agonizante cruz, se negou a beber fel e vinagre, sabia que o torpor trazido sobre o corpo diminuiria sua força mental e espiritual e em consequência disso a capacidade de resistir à provação.<sup>32</sup>

A antropologia adventista está sistematizada desta forma na obra *Nisto Cremos*:

Torna-se claro que todo ser humano é uma união indivisível. Corpo, alma e espírito funcionam em íntima cooperação, revelando um relacionamento intensamente harmonioso entre as faculdades espirituais, mentais e físicas da pessoa. Deficiências em uma área criarão embaraços nas outras duas. Um



espírito ou mente doente, impuro, terá efeitos deletérios sobre a saúde física ou emocional da pessoa. O inverso também é verdade. Uma constituição física enfraquecida, doente ou sofredora, em geral afetará a saúde emocional ou espiritual da pessoa. O impacto que as faculdades exercem umas sobre as outras, significa que todos os indivíduos receberam de Deus a responsabilidade de manter estas mesmas faculdades em suas melhores condições.<sup>33</sup>

Como então à luz da antropologia adventista podemos diminuir os sofrimentos daqueles que vivem sua vida em termos de desejar a própria morte?

#### 4. A “BOA MORTE” CRISTÃ

Ainda que a morte sempre se apresente como uma estranha ao nosso desejo de viver, há algo que pode ser feito para ajudar àqueles que estão prestes a morrer ou que estão desejando a morte. Diante dos pontos aqui expostos, podemos arrazoar que de todos os processos eutanásicos considerados, a ortotanásia é aquela que pode conter algum tipo de “boa morte”. Consideraremos, agora, como a compreensão adventista, acima exposta, pode mitigar os sofrimentos destas pessoas.

Quando é atestado que nada mais pode ser feito para recuperar a integralidade da saúde física, devemos então, assegurar que algo seja feito para que o enfermo tenha qualidade de vida no que se refere à saúde mental e espiritual. Mesmo alguns pensadores não adventistas já manifestaram este tipo de mentalidade. Barchifontaine e Pessini já apresentaram este tipo de pensamento. Segundo eles, o bem-estar não é apenas uma questão de saúde física, ele deve ser encarado como sendo algo de noções “globais” que vão muito além de não sentir dor, muito além do bem-estar físico. Para eles, a saúde abrange o bem-estar mental, social e espiritual. Para esses autores, o que estamos buscando não deve ser visto apenas como morrer sem dor, o importante é morrer em paz consigo mesmo, com as pessoas e “para quem tem fé”, com seu Deus.<sup>34</sup> O autor deste trabalho acredita que há uma obra especial a ser feita por aqueles que sofrem, pois há algo além da saúde física por que velar – saúde mental, espiritual.<sup>35</sup>

Entrementes uma pergunta que permanece no ar neste ponto da discussão é: O que pode ser feito se somando a visão cristã adventista à questão da “boa morte”, para melhorar a vida de pessoas que estão diante deste inimigo atroz? A Bíblia apresenta algumas recomendações que devem ser seguidas.

O primeiro passo é dar espaço à ira (Rm 12:19). Deus pede que respeitemos nosso irmão neste momento de dor e que entendamos seu sofrimento como genuíno. Não devemos censurar nosso irmão a toda hora por sua indignação. Não é bom que o enfermo fique discutindo com Deus sua condição, mas ele deve receber de nossa parte este espaço. Além do mais, se Deus requer isto de nós, Ele também oferecerá isto a nós.

Um segundo ponto destacado pelas Escrituras e pela prática no trato com os enfermos é que eles devem ser ajudados a encontrar, na medida do possível, uma ocupação. Reconhecemos que em alguns casos estamos falando de tetraplégicos, mas mesmo estes, quando conscientes, podem





desenvolver algumas atividades. É evidente que nos casos extremos, pouco poderá ser feito a não ser que aja uma mobilização de pessoas dispostas a criarem os meios para isso. Deus criou o trabalho para ocupar a mente e o tempo do homem como forma de mantê-lo longe do pecado e melhorar sua vida (Gn 3:17-19, 23).

O terceiro ponto a ser enfatizado é um grupo de cuidados essencialmente espiritual. Diante da nova realidade, a comunidade de crentes deve entender que este ser humano não poderá fazer algumas coisas que antes ele fazia, referimo-nos aqui à comunhão com os outros crentes e coisas deste gênero. Por esta razão, a visitação aos enfermos sempre foi a tônica do cristianismo. Visitar o doente, orar com ele, cantar hinos e levar o calor da comunidade até ele, é algo que todos devem fazer (Tg 5:14,15). Devemos nos responsabilizar por levar comunhão àqueles que padecem e criar um ambiente agradável de luz que faça com que os anjos queiram estar ali.<sup>36</sup> E com poucas palavras devemos criar uma nova atmosfera espiritual para nosso irmão. Mostrar ao doente que ele é importante, que a comunidade deseja o bem-estar dele

Devemos nos encarregar de ler o texto Bíblico para ele, pois as folhas da "árvore da vida" são para a cura das nações<sup>37</sup> (Ap 22:2). Ler também outros livros como os favoritos do enfermo, ainda que não se tenha certeza da consciência do mesmo. Deve-se orar também com o doente. "Falando entre vós em salmos, e hinos, e cânticos espirituais, cantando e salmodiando ao Senhor no vosso coração" (Ef 5:19). Com todos estes cuidados, o enfermo conhecerá que a única morte em que deve ter esperança é na de Cristo e não na própria, não sendo levado a pensar que Deus o esqueceu ou o abandonou.

Deve ter se mostrado óbvio que a ortotanásia não pode ser vista apenas como um procedimento biológico no qual se estabelecem meios para morrer sem sofrimento e dor.<sup>38</sup> É evidente que há um dever cristão de levar amor para aqueles que estão presos a um estado físico tão limitado como os aqui considerados, a obra médico missionária está, agora, em nossas mãos,<sup>39</sup> Ellen White declara que:

[é] desígnio de Deus que os enfermos, os desafortunados, [...] ouçam Sua voz [de Cristo] *por nosso intermédio*. Mediante Seus instrumentos humanos Ele deseja ser um confortador, como o mundo jamais haja visto. *Através de Seus seguidores* devem ser transmitidas Suas palavras: "Não se turbe o vosso coração; credes em Deus, crede também em Mim." João 14:1<sup>40</sup> (itálicos nossos).

E ainda em outro trecho discorrendo sobre a obra médico-missionária e seu valor para nossos dias, ela acrescenta:

Oh se todos os que se encontram aflitos pudessem ser atendidos por [...] cristãos que os ajudassem a deixar seu corpo abatido e torturado pelo sofrimento aos cuidados do grande Médico, olhando para Ele com fé em busca de restauração. Se mediante ministração judiciosa é o paciente levado a confiar sua alma a Cristo e a trazer seus pensamentos em obediência à vontade de Deus, *uma grande vitória foi alcançada*<sup>41</sup> (itálicos nossos).



Tendo apresentado todos os pontos essenciais para o debate, bem como a argumentação dessa pesquisa, pode-se passar agora para as considerações finais.

## CONCLUSÃO

No desenvolvimento deste trabalho, percebeu-se que o debate acerca da “boa morte” tem se ressurgido, e que, portanto, é fundamental que a igreja reflita sobre este delicado tema. Lida-se com um público cada vez mais crítico e, que, por esta razão não se satisfaz com explicações superficiais.

No início deste trabalho, após serem pontuados os principais conceitos, definições e técnicas eutanásicas, pode-se analisar a moralidade dos mesmos com mais segurança. Isto feito, considerou-se a eutanásia ativa, e esta foi rechaçada devendo ser considerada imoral, transgressão do mandamento e, como tal, pecado. Assim, todas as técnicas que ativamente pretendem, sob a fachada da compaixão e amor, aliviar o sofrimento humano, acelerando sua morte, devem ser descartadas.

Quando se considera a eutanásia passiva, percebe-se que ela não pretende apenas criar um ambiente em que o enfermo possa morrer em paz, ela é, antes, uma busca de oportunidade para morrer. Diante de crises como uma parada cardíaca, respiratória ou outras, sonegar o socorro a torna, assim como a eutanásia ativa, imoral. Como vimos, não há distinção entre por fim à vida por ação ou por omissão.

Ainda que sem nos dedicarmos especificamente a este ponto, vimos que a obstinação terapêutica também deve ser repensada. Conhecida como distanásia, ela pode, em alguns casos, dificultar e mesmo impedir que o enfermo se prepare espiritual e mentalmente para selar sua vida com Deus, podendo acarretar-lhe riscos eternos ao enfermo.

Este artigo passou, então, para considerações acerca da ortotanásia, que é apresentada por alguns pensadores como um “ideal”. Viu-se que alguns estudiosos, perceberam que a saúde humana não se restringe à esfera física, e que algo pode ser feito por enfermos para garantir-lhes um bom fim. Essa posição contribui com a compreensão adventista de ser humano, que foi, rapidamente apresentada a partir de alguns textos selecionados de Ellen White.

Observou-se que para os adventistas, o ser humano foi criado com faculdades físicas, mentais e espirituais. E que uma vez que ele esteja padecendo fisicamente, por males que comprovadamente sem solução, deve-se então, dedicar-se mais intensamente ao cultivo, preservação e cura de suas faculdades mentais e espirituais. Esse é um tipo de tipo de “boa morte” (ortotanásia), a qual todos têm direito. Em outras palavras, assistir o paciente de tal modo, que o ajude a se preparar para garantir sua salvação e ressurreição.

Por fim, observa-se que a comunidade de crentes tem um papel crucial a desempenhar por aqueles que padecem de sofrimentos como os aqui mencionados. Visitações, orações, cânticos, salmos, leituras bíblicas e muitas outras contribuições podem, e devem, ser feitas por aqueles que pretendem representar a voz de Deus. Ele pretende usar seus seguidores para alcançar o coração dos aflitos e levar a eles muita vida e essa em abundância (Jo 10:10).



O objetivo é deixar claro que não se pretende, de forma alguma, ter apresentado aqui a solução que venha diluir as perplexidades deste tema tão delicado. Alguns expoentes do pensamento cristão têm apresentado importantes contribuições<sup>42</sup> sobre o tema e este trabalho vem apenas tomar parte neste duro debate. O que se propôs fazer foi apresentar uma alternativa cristã para abrandar os sofrimentos de várias pessoas que precisam de conforto para atravessar o vale da sombra da morte, sem temer mal algum, pois por meio de seus irmãos saberão que Deus está com eles (Sl 23:4).

## NOTAS DE REFERÊNCIAS

1. Mario Veloso, *O Homem, Pessoa Vivente* (Brasília, DF: Alhambra, s/a), p. 66.
2. Ibid.
3. Ellen White, *Testemunhos Para Ministros e Obreiros Evangélicos* (Tatuí, SP: CPB, 2002), p. 134.
4. Ellen G. White, *Mente, Caráter e Personalidade, vol. 1* (Tatuí, SP: CPB, 2001), p. 97,98.
5. Uma boa definição de eutanásia pode ser encontrada em Hans U. Reifler, *A Ética dos Dez Mandamentos* (São Paulo, SP: Vida Nova, 1992), p. 124, "A palavra *eutanásia* deriva do grego *eu* (boa) e *thanatos* (morte), e significa qualquer ação intencional que possibilite a boa morte de um indivíduo, seja por métodos diretos ou indiretos, ativos ou passivos, omissivos ou permissivos, naturais ou artificiais".
6. Hans U. Reifler, *A Ética dos Dez Mandamentos* (São Paulo, SP: Vida Nova, 1992), p. 124.
7. Glen H. Stassen e David P. Gushee, *Kingdom Ethics: Following Jesus in Contemporary Context* (Downers Grove, IL: Intervarsity, 2003); (Carlos Fernando Francisconi e José Roberto Goldim, acessado 18/09/2007, disponível em <http://www.ufrgs.br/bioetica/eutantip.htm>).
8. Acessado em 18/09/2007, disponível em <http://www.unifenas.br/radiologia/biblioteca>.
9. Christian de Paul de Barchifontaine e Leo Pessini chegam mesmo a declará-la "O Ideal da Ortotanásia"; para ver o texto completo consulte Christian de Paul de Barchifontaine e Leo Pessini (org.), *Bioética: Alguns Desafios* (São Paulo, SP: Loyola, 2001), p. 291-296.
10. Para se aprofundar mais nas definições e conceitos de mistanásia e distanásia ver Christian de Paul de Barchifontaine e Leo Pessini (org.), *Bioética: Alguns Desafios*, p. 291.
11. Ibid.
12. Ibid, p. 289.
13. Glen H. Stassen e David P. Gushee, *Kingdom Ethics: Following Jesus in Contemporary Context*. Downers Grove, IL: Intervarsity, 2003, p. 241.
14. Ibid.
15. Johnstone citado por Glen H. Stassen e David P. Gushee, *Kingdom Ethics: Following Jesus in Contemporary Context*, p. 241.
16. Glen H. Stassen e David P. Gushee, *Kingdom Ethics: Following Jesus in Contemporary Context*, p. 241.
17. Acessado em 18/09/2007, disponível em [www.unifenas.br/radiologia/biblioteca](http://www.unifenas.br/radiologia/biblioteca).
18. Ibid.
19. Walter C. Kaiser, Jr., *Toward Old Testament Ethics* (Michigan, MI: Zondervan Publishing House, 1991), p. 134.



20. Hans U. Reifler, *A Ética dos Dez Mandamentos*, p. 125.
21. Christian de Paul de Barchifontaine e Leo Pessini (org.), *Bioética: Alguns Desafios*, p. 280.
22. Norman L. Geisler, *Ética Cristã: Alternativas e Questões Contemporâneas*. São Paulo: Vida Nova, 1984, p. 200.
23. Hans U. Reifler, *A Ética dos Dez Mandamentos*, p. 127.
24. Acessado em 18/09/2007, disponível em [www.unifenas.br/radiologia/biblioteca](http://www.unifenas.br/radiologia/biblioteca).
25. Christian de Paul de Barchifontaine e Leo Pessini chegam mesmo a declará-la “O Ideal da Ortotanásia”; para ver o texto completo ver Christian de Paul de Barchifontaine e Leo Pessini (org.), *Bioética: Alguns Desafios*, p. 291-296.
26. Por limitação de espaço, a compreensão adventista de “homem” e de “morte” poderão ser melhor compreendidas a partir de: “homem” em *Nisto Cremos: 27 Ensinos Bíblicos dos Adventistas do Sétimo Dia*. Tatuí, SP: CPB, 2000, p. 115-141; e de “morte” no verbete “death” Don F. Neufeld (ed.), *Seventh-Day Adventist Bible Dictionary (SDABD)*, Washington, DC: Review and Herald, 1976, p. 278; *Seventh-Day Adventists Answer Questions on Doctrine*. Washington, DC: Review and Herald, 1957, p. 524.
27. Ellen G. White, *No Deserto da Tentação*, (Tatuí, SP: CPB, 1990), p. 12.
28. Ellen G. White, *A Ciência do Bom Viver*, (Tatuí, SP: CPB, 2004), p. 199.
29. Para conhecer a história do desenvolvimento da doutrina adventista sobre a morte e o homem ver Alberto R. Timm, *O Santuário e as Três Mensagens Angélicas: Fatores Integrativos no Desenvolvimento Das Doutrinas Adventistas*. 2ª ed. Engenheiro Coelho, SP: Unaspess, 2007.
30. Ellen G. White, *Conselho Sobre Regime Alimentar*, (Tatuí, SP: CPB, 2002), p. 465.
31. Para obter um breve vislumbre de como a visão adventista deve ser trabalhada no desenvolvimento harmônico das faculdades humanas ver Confederação das Uniões Brasileiras da Igreja Adventista do Sétimo Dia, *Pedagogia Adventista*. Tatuí, SP: CPB, 2004.
32. Ellen G. White, *O Desejado de Todas As Nações*. Tatuí, SP: CPB, 2004, p. 746.
33. *Nisto Cremos: 27 Ensinos Bíblicos dos Adventistas do Sétimo Dia*, p. 123.
34. Christian de Paul de Barchifontaine e Leo Pessini. (org.), *Bioética: Alguns Desafios*, p. 294.
35. Mesmo os budistas consideram que o importante é preservar a integridade mental. “Os médicos não gostam da idéia de interromper a vida de uma pessoa prefeririam prolongar os processos biológicos físicos da vida, sem se preocupar com a *qualidade mental* dessa vida. É justamente aqui que os budistas estão em desacordo com a medicina ocidental materialista” (Itálicos nossos). Christian de Paul de Barchifontaine e Leo Pessini (org.), *Bioética: Alguns Desafios*, p. 268, 269.
36. Ellen G. White, *Beneficência Social: Instruções para o Serviço de Visitação Cristã*. Tatuí, SP: CPB, 1987, p. 32.
37. Ellen G. White, *A Ciência do Bom Viver*, p. 199.
38. Christian de Paul de Barchifontaine e Leo Pessini (org.), *Bioética: Alguns Desafios*, p. 293.
39. Ellen G. White, *Conselhos Sobre Saúde*. Tatuí, SP: CPB, 1998, p. 393.
40. Ellen G. White, *Beneficência Social: Instruções para o Serviço de Visitação Cristã*, p. 22.
41. Ellen G. White, *Conselhos Sobre Saúde*. Tatuí, SP: CPB, 1998), p. 388.
42. Ainda que, mesmo entre alguns pensadores cristãos, exista alguma divergência em relação à eutanásia, há obras que podem conduzir o leitor a uma reflexão mais profunda sobre o tema. Ver, por exemplo, Norman Geisler e Peter Bocchino, *Fundamentos Inabaláveis: Respostas aos maiores questionamentos*



*contemporâneos sobre a fé cristã*. São Paulo, SP: Vida, 2001; David K. Clark e Robert V. Rakestraw, *Readings in Christian Ethics*, vol. 2: Issues and Applications. Grand Rapids, EUA: Raker Book House, 1994; Glen H. Stassen e David P. Gushee, *Kingdom Ethics: Following Jesus in Contemporary Context*. Downers Grove, IL: Intervarsity, 2003; Hans U. Reifler, *A Ética dos Dez Mandamentos*. São Paulo, SP: Vida Nova, 1992; entre outros.